

## **Representação, Mídia e Música: A Pauta do Funk no Rock in Rio 2022 e as percepções dos veículos Globo, Veja e Uol<sup>1</sup>**

Karoline Benicio GONÇALVES<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, RJ

### **RESUMO**

Investigamos como os veículos Globo, Veja e Uol representaram a presença do funk no Festival Rock in Rio 2022, através da análise de conteúdo de três coberturas jornalísticas realizadas para o meio digital, veiculadas em setembro. Buscamos referências teóricas nos estudos de Representação de Stuart Hall e realizamos a análise de conteúdo através de 6 categorias pré-determinadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** funk; rock in rio; representação midiática; cultura.

### **INTRODUÇÃO**

Quando você pensa em Inovação, o que vem a sua mente? Novas tecnologias? Arquiteturas futuristas? Carros com habilidades inimagináveis? A inovação pode sim ser representada por essas ideias, mas é principalmente a ação de transformar e renovar, tudo e qualquer coisa. Mudanças sociais e econômicas podem ser inovação. Mudanças culturais certamente são inovadoras e necessárias para a transformação da sociedade e de seus imaginários construídos através de bagagens e representações.

A forma como essas mudanças e inovações são representadas nas coberturas jornalísticas é de extrema importância, mesmo que “não capturem o processo, porque não havia nada absolutamente fixo ali para representar” (HALL, 1997)”, a interpretação dos significados vai ser percebida através da forma como estes signos se mostram através da linguagem.

Em 2022 o estado do Rio de Janeiro foi mais uma vez palco de um dos principais festivais de música do mundo, o Rock in Rio, que aconteceu entre os dias 02 e 11 de setembro, e recebeu mais de 700 mil pessoas. Uma das inovações da última edição do festival foi a presença do Funk. O fato chamou atenção e fez sucesso entre o público, gerou discussões entre os mais conservadores, e claro foi representado pela mídia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM-UFF, email: karolinebenicio@id.uff.br.

O objetivo deste trabalho é analisar como os veículos Globo (G1 – Jornal Nacional), Veja e Uol (Splash) cobriram a pauta da presença do Funk no Rock in Rio, analisando os discursos apresentados e possíveis estereótipos representados, através da análise de conteúdo de três matérias veiculadas no mês de setembro de 2022.

Dissertar sobre o conceito de Representação na perspectiva de Stuart Hall, discutindo a sua importância, bem como demonstrar se a mídia está sendo responsável e indo de acordo com a diversidade e ética nas coberturas selecionadas também são intenções da pesquisa.

## **METODOLOGIA**

A abordagem metodológica é a qualitativa e preocupa-se com a subjetividade das representações. A categoria é descritiva, uma vez que analisaremos as 4 (quatro) reportagens selecionadas descrevendo como a mídia se comportou e representou os acontecimentos. Todas as coberturas foram veiculadas no mesmo mês, no meio digital, e de alguma forma propuseram-se a cobrir a pauta da “presença do funk no Rock in Rio 2022”, ou algum desdobramento deste tema.

O processamento da pesquisa ocorreu através de embasamento teórico em bibliografias e vídeos completos sobre Representação, Mídia e Estudos Culturais, focando principalmente no pioneiro da área e grande referência para autora, o jamaicano e teórico Stuart Hall.

Utilizamos como método para analisar as coberturas selecionadas à análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011), análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2011, p.15).

O procedimento analítico foi organizado e sistematizado por categorias. Para Fonseca Júnior (2011) a categorização é o trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em um número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar a compreensão destas categorias, e conseqüentemente da análise como um todo mais simples e compreensível. Deste modo, foram pré definidas 06 (seis) categorias semânticas (ou temáticas) para a construção da análise dos conteúdos, que explicitaremos a seguir.

1. *Direcionamento dos Títulos;*
2. *Escolha das fontes e a pluralização de vozes;*

3. *Discursos e menções a Cultura, Sucesso, Fama, Igualdade, Representatividade, Diversidade e de Valorização ao Funk;*
4. *Discursos e menções ao Preconceito, Criminalidade, Pobreza e de Depreciação ao Funk;*
5. *Estereótipo apresentados nas reportagens;*
6. *Descrição do Público do evento.*

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1. MÍDIA E REPRESENTAÇÃO: UM BREVE MERGULHO NOS ESTUDOS DE HALL

Pensar a Representação, bem como sua aplicação nas mais diversas esferas é uma tarefa complexa e desafiadora. Destrinchar seu potencial e alcance é um processo enigmático, e exige a compreensão de outros conceitos como: *significado, signo, cultura, linguagem* e *estereótipo*. Na contemporaneidade, estamos rodeados de objetos, acontecimentos, pessoas, lugares e espaços. Além disso, temos sentimentos, sensações físicas, sensoriais, psicológicas e estados emocionais. Todos esses objetos e emoções, sejam concretos ou subjetivos, são *representados* no mundo através da *linguagem*, que transmite os seus significados e nos permitem interpretá-los através das *nossas representações mentais*:

Primeiro, há o “sistema” pelo qual toda ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos é correlacionada a um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos. Sem eles jamais conseguiríamos interpretar o mundo de maneira inteligível. (HALL, 2016, p.34).

Através das representações mentais, significamos o Mundo e seu funcionamento, compreendemos o significado e fornecemos sentido aos signos. Podemos entender como *signo*, qualquer manifestação que possa carregar sentido ou ser interpretada por algum indivíduo. Um signo pode ter significados distintos para duas pessoas de etnias e/ou classes sociais/econômicas muito diferentes, ou até mesmo dependendo do contexto ou discurso. “Os signos indicam ou representam os conceitos, e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura” (HALL, 2016, p.37).

Geralmente, os estudos de representação são apontados como complexos devido a sua subjetividade. A ideia de que os signos nem sempre possuem significados fixos, bem como a possibilidade infinita de entendimentos sobre um mesmo signo, que se apresenta em linguagens diferentes, pode ser uma teoria difícil para quem não reflete com profundidade o seu processo. Hall, foca no processo de Representação utilizando-se da ideia de ‘sistemas’ ou ‘mapas’ para exemplificar os conceitos fundamentais do processo de representação.

Um dos objetivos dos estudos de representação, de acordo com Hall é descobrir como os significados entram. “Uma forma mais exagerada é dizer que a representação não ocorre após o evento, a representação é integrada ao acontecimento. Ela entra na constituição do objeto de que estamos falando. É parte do próprio objeto. É constitutiva dele” (HALL, 1997).

“Se os estudos culturais fossem simplesmente tentar entender as distorções que a mídia faz de um significado cuja verdade poderíamos encontrar de alguma forma independentemente da mídia, seria um estudo muito diferente do que é de fato” (HALL, 1997).

Outro sistema de representação apresentado por Hall é a ‘*linguagem*’, forma como expressamos nossas ideias e sentimentos. É preciso que nossas representações mentais sejam traduzidas através da linguagem comum, ligando os conceitos da nossa mente a signos. “Os signos indicam ou representam os conceitos, e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura” (HALL, 2016, p.37).

Enfim, a linguagem nada mais é que qualquer signo que expresse sentido. Quando organizados sob determinada ótica, funcionam como uma linguagem, manifestando pensamentos e representando ideias. No caso desta pesquisa, por exemplo, as matérias selecionadas para a análise, são nossa linguagem.

Aproveitando o gancho das coberturas jornalísticas, entramos no conceito discutido por Hall denominado como ‘estereotipagem’. Mas o que isto tem a ver com estereotipagem? Bem, de uma forma geral, a mídia costuma impor alguns estereótipos nos seus conteúdos, por falta de tempo, recursos e interesses – sejam eles políticos ou econômicos – para se aprofundar naquele tema ou pauta como se deve.

O regime de representação funciona através de um conjunto de práticas representacionais conhecidas como ‘estereotipagem’. A estereotipagem é o reducionismo, um estereótipo. “Os efeitos essencializadores, reducionistas e naturalizadores da estereotipagem, que reduz as pessoas à algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (HALL, 2016, p. 190).

## **2. MÚSICA, CULTURA E FUNK: NOVOS ESPAÇOS OCUPADOS**

O Funk começou em meados dos anos 80 com os bailes de galera do Rio de Janeiro, onde os jovens periféricos e predominante pretos se reuniam para se divertir e realizar competições de dança. Em 1989, Dj Malboro, lançou seu primeiro EP do gênero, o Funk Brasil. O lançamento seria um forte símbolo da chegada de um movimento musical e cultural que faria sucesso por longas décadas e impactaria em esferas sociais, políticas, econômicas e identitárias. Mas, o que Malboro ainda não imaginava, era a dimensão do mercado de entretenimento, consumo e reconhecimento público e midiático, que ele estaria sendo considerado um pioneiro.

Uma jornada de mais 30 anos com muitos desafios e preconceitos foi vivenciada pelos frequentadores de bailes funk e membros do movimento cultural, até que o gênero fosse devidamente reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Rio de Janeiro.

A Ementa 2855/2020 de autoria do Deputado Rodrigo Amorim, definiu que “O Poder Público deverá assegurar e fomentar a cultura e o movimento funk, a realização de suas manifestações próprias, sem regras discriminatórias”, da mesma maneira que garante este mesmo direito para outros gêneros musicais e artísticos.

O funk é um movimento cultural que tem tido maior aderência com o passar dos anos. É possível ver esta aderência através de algumas análises como: o alto número de visualizações dos artistas em tempo curto, alto faturamento de shows, produtoras e gravadoras do gênero que não param de crescer e até mesmo o objeto deste trabalho: a presença do funk, nos palcos do Rock in Rio, um dos principais festivais de música do mundo.

## **3. ANÁLISE DE CONTEÚDO E RESULTADOS OBSERVADOS**

A primeira matéria analisada foi veiculada na editoria de cultura da *Veja* no dia 04 de setembro de 2022. O **título** “*Funk in Rio: como o Rock in Rio abandonou o preconceito e abraçou o ritmo*”<sup>1</sup> reforça o estereótipo de que o funk é alvo de preconceito e completa que o ritmo foi ‘abraçado’ pelo festival, dando a entender que está fora do seu local de conforto. A linha-fina faz questão de demarcar o ritmo do funk como popular, comportamento não comum ao dissertar sobre outros gêneros como o rock e a música clássica e que se repete por todo o texto.

Podemos exemplificar, com um trecho do penúltimo parágrafo do texto, onde ao mencionar a programação do palco Mundo, “principal do festival, a escalação privilegiou a música eletrônica e o trap, com shows de Alok, Jason Derulo” (CRUZ, 2022), o jornalista escolhe o verbo privilégio para acompanhar o gênero.

Não existem **fontes entrevistadas** neste conteúdo, e no que diz respeito a **3ª categoria**, e não foi possível identificar discursos e menções propostos, exceto pelo trecho que menciona sobre a importância dos artistas do funk em eventos como o festival.

“Deixar de escalar para a programação ritmos populares, feitos por jovens nascidos na periferia e com letras que falam sobre suas realidades era um tipo de preconceito que não deveria ter mais lugar no Brasil. Acima de tudo, são ritmos com um público fiel e consumidor” (CRUZ, 2022)

Quanto aos **discursos com menções negativas** e estereotipadas destaca-se o fato de que o conteúdo mencionou em todos os momentos os gêneros e artistas ligados ao funk, trap e hip hop como populares: “o festival definitivamente mudou a chavinha com relação aos ritmos mais populares” e “um espaço criado para mostrar os artistas da periferia e que contará com artistas populares em todos os dias” (CRUZ, 2022).

É interessante apontar que **padrões de estereotipagem** estão presentes no conteúdo, quando afirmam por exemplo, que os jovens que *dominavam e peregrinavam* (me parece uma escolha muito específica para ser involuntária) nos palcos do rock in rio estavam ali para “acompanhar nomes que seus pais, certamente, nunca ouviram falar” (CRUZ, 2022). Por fim, podemos apontar que este conteúdo da *Veja* **descreveu o público** do evento como majoritariamente jovem, fiel e consumidor.

O segundo conteúdo analisado, foi veiculado no dia 03 de setembro de 2022 no site do Jornal Nacional (G1 – Globo). O **título** foi trabalhado de maneira positiva e logo

de cara apontou que “Cidade do Rock recebe grandes sucessos do rap e do funk” (G1, 2022). No que diz respeito a **escolha das fontes** e pluralização de vozes nas entrevistas, o veículo se destacou e apresentou a opinião de 9 (nove) fontes, sendo 5 participantes (3 estudantes, 1 advogado e 1 Dj) e 4 Artistas (Criolo, L7nnon, Xamã e Alok, ambos se apresentaram no festival).

Quanto aos discursos e menções da **3ª categoria**, podemos perceber que a cobertura se preocupou em evidenciar a importância destes acontecimentos e assumiu que o funk faz sucesso e merece espaço. “A Cidade do Rock virou um baile funk. Um sucesso atrás do outro” (GLOBO, 2022) e “é um dia histórico no Rock in Rio, porque os principais nomes do rap brasileiro sobem no palco Sunset para dar um rico panorama da poesia cantada que conta as histórias de quem vive nas grandes cidades brasileiras” (GLOBO, 2022) são bons trechos para exemplificar.

Além disso, vale destacar que a fala do artista Xama também mencionou como a música popular brasileira – neste caso, o rap – pode contribuir para a formação do intelecto. “Minha professora de português que me deixou com a cabeça boa com os fonemas e nessa parte de literatura também. Então eu acho que o rap basicamente me educou como ser humano, me educou a ser uma pessoa com mais cultura” (GLOBO, 2022).

Um trecho da reportagem destacou a presença do funk e da diversidade no Rock in Rio com a apresentação da dupla Brô Mc’s que “levaram ao público uma nova expressão do rap. Eles cantam em português e em guarany, idioma nativo da tribo onde vivem” (GLOBO, 2022).

Quanto as menções da 4ª categoria, destacamos que a reportagem não contou com nenhuma menção negativa associada ao funk e sua presença no festival, nem sugeriu nada depreciativo quanto ao gênero, o que é extremamente positivo vindo de um dos principais veículos de comunicação do país. Apesar de não haver muitos problemas com generalizações na reportagem, é importante destacar um trecho que ser indicativo de algum destes padrões. Globo (2022):

o Palco Sunset, à noite, o grupo Racionais MC's, um dos mais tradicionais e importantes grupos de rap do país se apresentou com suas músicas carregadas de críticas sociais. No palco, fizeram uma homenagem a vítimas de violência no país.

Por fim, o público foi descrito como plural no quesito idade. “Tem grupo com gente de todas as idades” (GLOBO, 2022).



A notícia da Uol, foi veiculada na editoria de entretenimento, arte e cultura a ‘Splash’, em 18 de setembro de 2022 e trabalhou o **título** de maneira muito positiva, dissertando sobre a importância da presença de diversos gêneros no festival e declarou que a escolha do funk no festival nesta edição foi um acerto da produção. No que diz respeito a **pluralização de fontes**, o veículo realizou duas entrevistas, apenas com artistas/fontes oficiais (Lexa e Bianca).

Na **3ª categoria**, as menções que se destacaram foram a valorização a diversidade e sucesso das apresentações de funk no festival (com ênfase para a da cantora Ludmilla). “O Rock in Rio não é só um festival de rock. Apesar de o nome sugerir isso para parte dos frequentadores, o evento já se consolidou como um espaço de diversidade musical, com pop, rap, funk e até pagode (...) essa atual configuração do festival é um acerto” (UOL, 2022). No que diz respeito a **desvalorização do funk**, podemos perceber que ficou por conta da crítica realizada pelo veículo para a produção do festival. Neste caso, a cobertura pautou que a produção acertou dando espaço ao funk no evento, mas não pensou a sua ocupação e sucesso, subestimando o gênero. Uol (2022):

“Apesar de ser um acerto dar espaço a artistas brasileiros de diferentes gêneros, a atitude expõe um erro de produção. Falta levar esses rostos aos palcos que lhe comportem adequadamente (...) Ludmilla novamente serve como exemplo: a artista no palco Sunset, espaço que não comportou o público que esperava por ela, foi uma injustiça. O que as artistas internacionais Rita Ora e Megan Thee Stallion fizeram para justificar a escalação no Palco Mundo? Por que não ter dois brasileiros e dois gringos na mesma noite?”

Se por um lado, a notícia acertou em não **estereotipar** personagens e situações do acontecimento, por outro, foi insuficiente, uma vez que não pudemos identificar nenhum tipo de **descrição do público** do evento, ou seja, tanto na escolha das fontes, quanto nas percepções do evento, o veículo pautou o evento do ângulo/olhar das fontes oficiais/artistas.

## CONCLUSÃO

Analisando os discursos apresentados no conteúdo da Veja, apontamos que não localizamos discursos positivos ou menções a promoção da cultura. A matéria não trouxe fontes entrevistas e descreveu o público do evento como jovem, fiel e consumidor.



Quanto aos estereótipos, podemos dizer que entre os conteúdos analisados, a Veja foi a que mais apresentou reducionismos negativos sobre a presença do funk no Rock in Rio.

Mesmo que de forma indireta, reforçou ideias como “o funk é alvo de preconceito” e que “o funk não é conhecido e apreciado pelo público adulto”. Vale pontuar, que o próprio título da matéria deixa a ideia de preconceito em destaque. A todo momento, o funk é mencionado como ritmo/cultura popular em um sentido flutuante (que tende a soar negativo). De forma geral, analisamos que o veículo faltou com os conceitos de diversidade e inclusão cultural na cobertura.

No material veiculado no site da Globo, podemos perceber que os discursos sobre a presença do funk no festival foram trabalhados de maneira positiva desde o título, que apontou que no ano de 2022 a “Cidade do Rock recebe grandes sucessos do rap e do funk”. O público foi descrito como plural, e exemplificou através da fala de um dos entrevistados, que no evento havia “grupos com gente de todas as idades”. Quanto a pluralização de vozes nas entrevistas, se destacou entre as outras reportagens e trouxe fontes diversas como participantes do festival e artistas. A cobertura se preocupou em evidenciar a importância da presença dos gêneros de cultura popular em eventos com o alcance do Rock in Rio e assumiu que o funk faz sucesso e merece espaço.

Conforme explicitamos na análise de conteúdo desta reportagem, a mesma não contou com menções negativas associadas ao funk e sua presença no evento. Analisamos a cobertura como ética e positiva, visto que não sugeriu nada de depreciativo quanto ao gênero, o que é extremamente positivo vindo de um dos principais veículos de comunicação do país. Vale pontuar, que a matéria também destacou a apresentação da dupla Brô Mc’s, que em cantou português e Guarany como incentivo a promoção da diversidade e cultura indígena.

A notícia da Splash (UOL) apresentou aspectos positivos, com menções que ressaltam a valorização, diversidade e sucesso nas apresentações. Evidenciou no título a importância da presença de diversos gêneros no festival, e se posicionou enfatizando que a presença do funk nesta edição foi um acerto da produção do Rock in Rio. Ainda assim foi insuficiente, pois pautou o evento do ângulo/olhar apenas de fontes oficiais, trazendo duas entrevistas de artistas, consequentemente excluindo a pluralização de vozes da cobertura.

Além disto, não descreve o público presente no evento. No que diz respeito a desvalorização do funk, utilizaram como perspectiva para o tema, uma crítica a produção do festival, que escalou apresentações de sucesso para palcos menores, que de acordo com a matéria, e com as falas dos próprios artistas entrevistados não comportava os participantes que iriam ver os shows.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CRUZ, Felipe Branco. Funk in Rio: como o Rock in Rio abandonou o preconceito e abraçou o ritmo. **Veja** (online). Brasil, 04 de setembro de 2022. Cultura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/funk-in-rio-como-o-rock-in-rio-abandonou-o-preconceito-e-abracou-o-ritmo/>. Acesso em: 12/04/2023.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014

GLOBO, Redação. Rock in Rio 2022: Cidade do Rock recebe grandes sucessos do rap e do funk. Portal G1 (online). Brasil, 03 de setembro de 2022. Jornal Nacional. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/03/rock-in-rio-2022-cidade-do-rock-recebe-grandes-sucessos-do-rap-e-do-funk.ghtml>>. Acesso em: 12/04/2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**, 2007. Disponível em: [http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf) . Acesso em: 12/04/2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro. Editora Apicuri. 2016.

HALL, Stuart. **Lecture shot at the studios of University of Westminster**. Youtube, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZDrY1h2knWA>> . Acesso em: 12/04/2023.

UOL, Splash. Rock in Rio não é só rock e acerta ao dar espaço para funk, rap e pagode. **Splash Uol** (online). Rio de Janeiro, 18 de setembro de 2022. Música. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/18/rock-in-rio-nao-e-so-rock.htm>>. Acesso em: 12/04/2023.